



CASA-GRANDE E SENZALA: REFLEXÕES SOBRE CONCEITOS DA AD FRANCESA A PARTIR DE DISCURSO CONTRA O *IMPEACHMENT*

**CASA-GRANDE AND SENZALA: REFLECTIONS ON
CONCEPTS OF THE FRENCH DISCOURSE ANALYSIS
BASED ON DISCOURSE AGAINST THE IMPEACHMENT**

Rafael Prearo-Lima¹

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
(IFSP) / Bragança Paulista*

Resumo: O atual cenário político brasileiro é caracterizado por intensos embates e discussões entre a esquerda e a direita. A partir dessa perspectiva, selecionamos um discurso contra o *impeachment* de Dilma Rousseff como *corpus* de análise a fim de que observemos o funcionamento de alguns conceitos-chave da Análise do Discurso de linha francesa, a saber, condições de produção, formação discursiva, interdiscurso e memória. Os resultados demonstram como é possível analisar e ideologicamente posicionar o *corpus* com base nos conceitos discutidos.

Palavras-Chave: Condições de produção; Formação discursiva; Interdiscurso; Memória; Análise do Discurso francesa.

¹ rprearo@hotmail.com

Abstract: *The current Brazilian political scenario is characterized by intense clashes and discussions between the left and right-wingers. Based on that perspective, we have selected a discourse against the impeachment of Dilma Rouseff as a corpus of analysis so that we observe the functioning of key-concepts within the French Discourse Analysis, namely, conditions of production, discursive formation, interdiscourse and memory. The results show that it is possible to analyze and to ideologically position the corpus using the concepts discussed.*

Keywords: *Conditions of production; discursive formations; interdiscourse; memory; French Discourse Analysis.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O período compreendido entre as campanhas para as eleições de 2014 e o afastamento temporário de Dilma Rouseff da presidência da República em maio de 2016 é marcado por turbulência no cenário político brasileiro. Em meio a escândalos de corrupção envolvendo partidos de direita e esquerda², retração econômica e alta da inflação, a sociedade acompanha o desenrolar do segundo processo de *impeachment* presidencial em pouco mais de duas décadas.

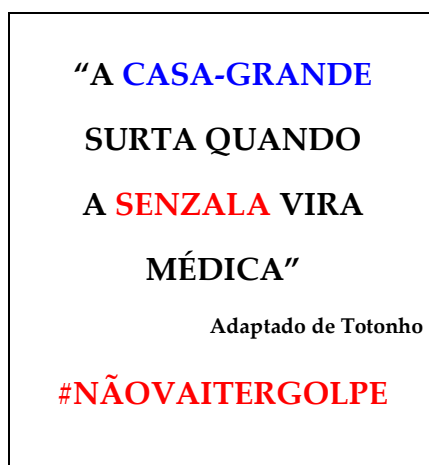
Como consequência, a manifestação de indivíduos e grupos a favor e contra o afastamento de Dilma Rouseff tem produzido grande apropriação e veiculação de discursos, principalmente por meio das redes sociais, instrumento cada vez mais importante na disseminação de ideias na presente era digital.

Em meio a essa intensa circulação discursiva no campo político é que desenvolvemos esta análise, utilizando como suporte teórico alguns pressupostos da Análise do Discurso francesa (doravante AD). Para isso, selecionamos como *corpus* os dizeres de um cartaz veiculado em uma foto publicada no *site* de relacionamentos Facebook. Por uma questão de direitos de imagem, não utilizaremos a foto original com o cartaz, mas o reproduzimos a seguir, mantendo suas características originais³.

² Tendo em vista a inconsistência, na atualidade, dos conceitos de “direita” e “esquerda”, não nos importamos com sua definição, mas os usamos da forma como circulam na sociedade.

³ Contudo, é possível recuperar a imagem original com o auxílio de mecanismos de busca. O *site* ocafezinho.com disponibiliza algumas imagens similares, assim como um vídeo. Disponível em: <<http://www.ocafezinho.com/2016/04/14/depoimento-a-casa-grande-surta-quando-a-senzala-vira-medica/>>. Acesso em 26 mai. 2016.

Figura 1 – *Corpus* de análise



Buscaremos observar por meio desse *corpus* a aplicação de conceitos clássicos da AD, a saber, condições de produção, formação discursiva, interdiscurso e memória, com base nos estudos de, entre outros teóricos, Maingueneau (2013, 2008a, 2008b, 1997), Pêcheux (2010, 1997 [1983], 1997 [1969]) e Foucault (1987). Nosso objetivo não é esgotar a discussão sobre cada conceito, até mesmo por que suas delimitações não são transparentes, mas demonstrar sua aplicação a partir dos teóricos citados, desenvolvendo a análise conforme cada noção é apresentada.

1 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Discorreremos inicialmente a respeito das circunstâncias em que o *corpus* escolhido foi produzido. Dentro da AD, esse conceito é denominado como condições de produção. Partindo da expressão marxista “condições econômicas de produção”, Pêcheux explica as condições de produção como

o estudo da ligação entre as “circunstâncias” de um discurso — que chamaremos daqui em diante suas *condições de produção* — e seu processo de produção. Esta perspectiva está representada na teoria linguística atual pelo papel dado ao contexto ou à situação, como pano de fundo específico dos discursos, que torna possível sua formulação e sua compreensão. (PÊCHEUX, 1997 [1969], p.75 – grifos do autor)

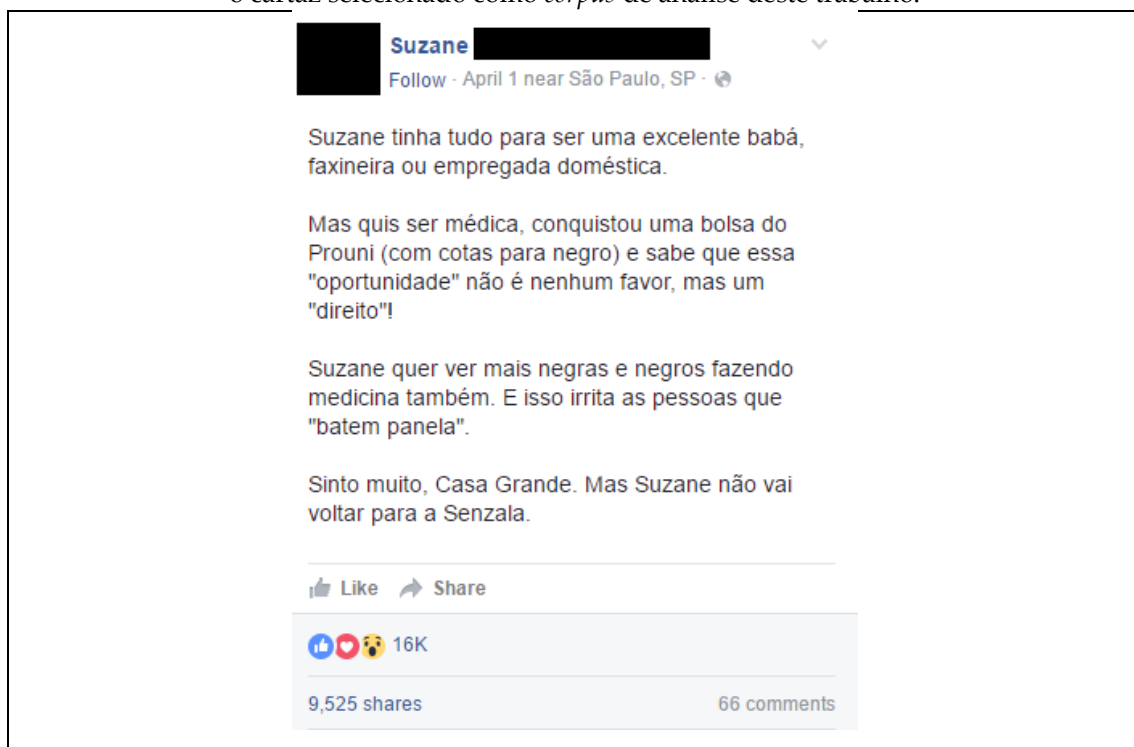
Pêcheux e Fuchs (1997 [1975], p. 182) retomam a noção de condições de produção ao afirmarem que o termo pode ser ambíguo; eles afirmam, porém, que

parece efetivamente (...) que se pode entender por isso seja *as determinações que caracterizam um processo discursivo, seja as características múltiplas de uma "situação concreta"* que conduz à "produção", no sentido linguístico ou psicolinguístico deste termo, da superfície linguística de um discurso empírico concreto. (grifo dos autores)

Courtine (2009) acrescenta ao afirmar que as condições de produção compreendem o conjunto de dados não linguísticos que organizam um ato de enunciação. Segundo ele, a delimitação das condições de produção do discurso age como um filtro nas sequências discursivas que comporão o *corpus* de uma análise.

A partir dessas colocações, analisaremos as condições de produção do *corpus* selecionado. Como mencionado, o enunciado faz parte de uma foto publicada na rede social Facebook, ao lado da qual havia o seguinte comentário⁴:

Figura 2 – Comentário postado ao lado da foto contendo o cartaz selecionado como *corpus* de análise deste trabalho.



Fonte: <www.facebook.com>. Acesso em 08 jun 2016.

Por meio desse comentário, é possível fazermos algumas observações que nortearão esta análise. Primeiramente, os enunciados são de autoria de Suzane,

⁴ Por motivo de direitos de imagem, foto e nome completo da autora foram propositalmente suprimidos.

uma estudante que cursa medicina com o auxílio de uma bolsa do Prouni⁵, recebida por meio do sistema de cotas raciais.

Em segundo lugar, a postagem foi feita no dia seguinte a uma grande manifestação na Praça da Sé (SP), no dia 31 de março de 2016, cujos participantes protestavam contra o *impeachment* de Dilma Rousseff⁶. Esse período precede a votação do processo no Congresso Nacional, que em 17 de abril votou pelo prosseguimento do processo, encaminhando-o para o Senado Federal. Suzane participou do evento portando um cartaz com o enunciado “A casa-grande surta quando a senzala aprende a ler” (de Totonho) e decidiu publicar uma foto em sua página na rede social Facebook segurando um cartaz com uma paráfrase, correspondente ao *corpus* selecionado para este trabalho: “A casa-grande surta quando a senzala vira médica” – Adaptado de Totonho #NÃOVAITERGOLPE.⁷

Vale ressaltarmos a escolha do mídiuim, que não é apenas um meio de transmitir o discurso, mas que “impõe coerções sobre seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer” (MAINGUENEAU, 2013, p. 81). Ao utilizar uma rede social, a autora queria não apenas expressar publicamente seu pensamento, mas também que suas ideias pudessem alcançar o maior número de pessoas. Se a mesma mensagem fosse enviada por e-mail ou compartilhada por mensagem de celular talvez não tivesse a mesma repercussão obtida pela rede social escolhida pela autora⁸.

Esse conjunto de informações atreladas ao momento de produção discursiva é compreendido na AD, a que se refere Pêcheux (1997 [1969], p.75), como condições de produção, o “pano de fundo específico dos discursos, que torna possível sua formulação e sua compreensão”. É a partir dele que desenvolveremos a análise adiante.

No *corpus* que selecionamos, as condições de produção se situam no momento da política brasileira correspondente às discussões nas instâncias superiores a respeito do afastamento ou não de Dilma Rousseff da presidência da República, assim como a repercussão dessas discussões nas ruas, por parte de simpatizantes da direita e da esquerda.

⁵ Programa Universidade para Todos: programa do Governo Federal que concede bolsas de estudo para alunos do Ensino Superior.

⁶ Disponível em <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/03/manifestantes-fazem-ato-na-praca-da-se-contra-impeachment-de-dilma.html>>. Acesso em 27 de mai. 2016.

⁷ Como informado pela própria autora em uma conversa pelo Facebook.

⁸ Em 27 de maio de 2016, a foto com a mensagem já havia sido compartilhada mais de nove mil vezes e curtida mais de dezesseis mil vezes.

2 FORMAÇÃO DISCURSIVA

Associada à noção de condições de produção está um conjunto de definições teóricas presentes na AD sob o termo de formação discursiva, a quem Maingueneau (2008a) atribui uma dupla paternidade: Foucault e Pêcheux.

Essa noção é inicialmente apresentada no trabalho de Foucault, que concebe os discursos como uma dispersão, cabendo ao analista descrevê-la e estabelecer as regras capazes de reger a formação dos discursos, denominadas regras de formação:

o discurso é constituído por um conjunto de sequências de signos, enquanto enunciados, isto é, enquanto lhes podemos atribuir modalidades particulares de existência. E se conseguir demonstrar (...) que a lei de tal série é precisamente o que chamei, até aqui, formação discursiva, se conseguir demonstrar que esta é o princípio de dispersão e de repartição, não das formulações, das frases, ou das proposições, mas dos enunciados (no sentido que dei à palavra), o termo discurso poderá ser fixado: conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação. (FOUCAULT, 1987, p. 124)

Essa noção é acolhida na AD por meio dos estudos de Pêcheux (1997 [1983]), para quem a formação discursiva é indissociável do interdiscurso, visto que “o dispositivo da formação discursiva está em relação paradoxal com seu ‘exterior’: uma formação discursiva não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras formações discursivas)” (PÊCHEUX, 1997 [1983], p. 314). Diferentes formações discursivas se repetem em outras formações discursivas sob a forma de pré-construídos e de discursos transversos. A noção de interdiscurso é, então, introduzida como referência ao “exterior específico” de uma formação discursiva, visto que o interdiscurso irrompe em uma formação discursiva a fim de constituí-la como lugar de evidência discursiva, submetida à lei da repetição estrutural fechada (PÊCHEUX, 1997 [1983]).

Dadas algumas dificuldades apresentadas pela terminologia “formação discursiva”, Maingueneau, em uma tentativa de organização teórico-metodológica, retoma essa discussão e apresenta dois novos tipos de unidades: tópicas e não tópicas, sendo estas últimas “construídas pelos pesquisadores independentemente de fronteiras preestabelecidas” e delimitadas porque “agrupam enunciados profundamente inscritos na história” (MAINGUENEAU, 2008a, p.18). Para ele, o termo formação discursiva deve ser utilizado para agrupar unidades como “o discurso racista”, “o discurso patronal”, “o discurso feminista” etc.

A partir da definição sugerida por Maingueneau (2008a), podemos delimitar o *corpus* desta análise como sendo parte de duas formações discursivas complementares: o discurso em defesa dos negros⁹ e o discurso de esquerda.

O discurso em defesa dos negros está presente no contraste que o enunciado faz entre *casa-grande* e *senzala*. Esses termos evocam a memória do período de escravidão no Brasil, no qual as unidades de produção (engenhos, minas de ouro, fazendas) eram de propriedade de brancos, que exerciam seu senhorio sobre os negros, que, por sua vez, eram alojados em senzalas e serviam de mão de obra escrava para o trabalho. Dessa forma, esse enunciado traça uma relação sinedócica entre casa-grande/brancos e senzala/negros. Retomaremos essa questão adiante ao discutirmos a respeito de memória.

A classificação desse discurso como “em defesa dos negros” se dá pela forma como o enunciado “A casa grande surta quando a senzala...” é complementado por algo impensável na época da escravidão, por exemplo, “...quando a senzala aprende a ler”, “...quando a senzala vira médica” etc. Nas redes sociais, esse enunciado com suas variações é utilizado como uma máxima por quem defende os direitos dos negros contra aqueles que criticam ou questionam esses direitos, como o acesso ao ensino superior por meio de cotas raciais.

A outra formação discursiva, o discurso de esquerda, é evidenciada por meio do termo #NÃOVAITERGOLPE. Durante a tramitação do processo de abertura do impedimento de Dilma Rousseff no Congresso Nacional, a ala esquerda da política brasileira acusou a oposição de tentativa de chegar de forma ilegítima ao poder. Em alusão ao Golpe Militar de 1964, e como forma de protesto, aqueles contrários ao afastamento de Dilma Rousseff da presidência da República passaram a utilizar “não vai ter golpe” em seus discursos. Dessa forma, dentro das condições de produção anteriormente referidas, o termo #NÃOVAITERGOLPE é posicionado sob uma formação discursiva de um discurso de esquerda.

Considerando os avanços sociais durante os governos de Lula e Dilma, os discursos em defesa dos negros e de esquerda constituem-se, dentro das

⁹ A adoção de “discurso em defesa dos negros” se deu por falta de um termo mais específico e amplamente utilizado. Dadas as características do *corpus* e de suas condições de produção, outros termos como “discurso antirracismo” não pareciam apropriados. Quando utilizarmos, então, “discurso em defesa dos negros” fazemos referência à ideia de exaltação às recentes conquistas dos negros e de sua luta por uma sociedade igualitária.

condições de produção anteriormente detalhadas, como formações discursivas que se imbricam.

3 INTERDISCURSO E MEMÓRIA

À semelhança de outras terminologias utilizadas na AD, a noção de interdiscurso é um conceito instável. Ao discorrer sobre o primado do interdiscurso, Maingueneau (2008b) propõe substituí-lo pela tríade universo discursivo (conjunto de formações discursivas de todos os tipos, que interagem em uma conjuntura dada), campo discursivo (local de constituição do discurso, entendido como o conjunto de formações discursivas com uma mesma função social, mas que se divergem quanto ao modo de preenchimento dessa função) e espaço discursivo (subconjunto de formações discursivas, entre as quais cabe ao analista traçar a relação que julgar pertinente para seu propósito).

No verbete que redigiu a esse respeito, Maingueneau (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014) define o interdiscurso nos sentidos: (1) restrito, como um conjunto de discursos, quer de um mesmo campo discursivo, quer de campos discursivos distintos, com relações de delimitação recíproca uns com os outros; e (2) amplo, como conjunto de unidades discursivas com os quais um determinado discurso entra em relação de forma implícita ou explícita.

Uma ocorrência de interdiscurso no sentido amplo a que Maingueneau se refere está na paráfrase feita de “A casa-grande surta quando a senzala vira médica” a partir de “A casa-grande surta quando a senzala aprende a ler”¹⁰, pela forma como o enunciado do cartaz analisado está explicitamente relacionado àquele que serviu de fonte para essa paráfrase. O enunciado “Adaptado de Totonho” confirma essa interdiscursividade.

Em estreita relação com o interdiscurso, “a noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos” (COURTINE, 2009, p. 105 – grifo do autor). A memória serve tanto para retomar os já-ditos como para esquecer o que é pertinente ser esquecido, de acordo com as formações discursivas.

Maingueneau também traça uma relação entre formação discursiva e memória quando afirma que “a toda formação discursiva é associada uma memória discursiva, constituída de formulações que repetem, recusam e

¹⁰ Esse também é um caso de intertextualidade. Dado, porém, o escopo de trabalho, não discorreremos a esse respeito.

transformam outras formulações. ‘Memória’ não psicológica que é presumida pelo enunciado enquanto inscrito na história.” (MAINGUENEAU, 1997, p.115). Mais tarde, Maingueneau (2008b) situa o discurso entre duas memórias convergentes: uma interna, cuja autoridade aumenta à medida que o tempo passa; outra externa, que o legitima.

Nos estudos de Pêcheux, essas formulações referem-se “aos ‘implícitos’ (...) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 2010, p. 52). Visto que nem sempre é possível resgatar a materialidade discursiva, os implícitos, sob a forma de, por exemplo, pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, são necessários para constituir o sentido daquilo que está posto.

No *corpus* desta análise, a memória é acionada em diferentes momentos. Em primeiro lugar, como discorremos anteriormente, a relação entre os termos *casa-grande* e *senzala* restaura a memória da época de escravidão no Brasil e o subjugar dos brancos sobre os negros. No entanto, no enunciado “A casa-grande surta quando a senzala vira médica”, os termos *casa-grande* e *senzala* são deslizados da memória que evocam ao apresentar a ascendência social da senzala, que “vira médica”, fato que não ocorreria durante o período escravocrata. A metáfora estabelecida por meio desse deslocamento na memória serve como crítica aos brancos por não concordarem com mudanças sociais e preferirem o *status quo*, confirmada pela utilização do verbo *surtar* (nesse contexto, “entrar em crise psicológica”¹¹), denotando a reação de perplexidade da casa-grande diante de algo que, para eles, não deveria ocorrer.

Outra alusão à memória está em “#NÃOVAITERGOLPE”. Dentro das condições de produção desse discurso, esse enunciado remete ao Golpe Militar de 1964 e o período ditatorial no Brasil (1964-1985), época em que os cidadãos foram privados de diversos direitos e perseguidos quando se posicionavam abertamente contra o governo. No contexto atual, esse enunciado é utilizado para defender a inconstitucionalidade do impedimento de Dilma Rousseff. Por entenderem que tal ato fere a Constituição, os que são contra o *impeachment* acusam os que o defendem de tentativa ilegítima de tomada do poder, à semelhança do ocorrido em 1964.

Em contrapartida, os apoiadores da saída de Dilma Rousseff, que entendem que esse processo de afastamento não viola a Constituição, passaram

¹¹ Dicionário *online* Caldas Aulete. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/surtar>>. Acesso em: 03 jun. 2016.

a utilizar esse mesmo enunciado durante seus protestos da seguinte forma: “Não vai ter golpe: vai ter *impeachment*”. Ao fazerem isso, eles reformularam a noção do enunciado original, cujo efeito de sentido era a associação ao Golpe de 1964, e passaram a concordar com ele, em uma estratégia de enfraquecimento do discurso do rival político. Dito de outra forma, é como se dissessem, “Concordamos com vocês: não vai acontecer nenhum golpe, mas, como previsto na Constituição, teremos um *impeachment*.”

Ainda que o foco deste trabalho não seja fazer uma análise semiótica, também é possível percebermos como a memória é acionada no *corpus* que selecionamos por meio das cores utilizadas. No Brasil, a cor azul é tradicionalmente associada a partidos de direita (como PSDB e DEM); a vermelha, aos de esquerda (PT, PCdoB e PCO, por exemplo). Dessa forma, a escrita *casa-grande* em azul posiciona os brancos como sendo de direita ao passo que *senzala* em vermelho posiciona os negros como de esquerda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discutirmos a respeito das condições de produção, relacionamos o *corpus* ao cenário histórico-político referente às manifestações contra o afastamento de Dilma Rousseff da presidência da República e, atrelado a isso, todo o conjunto de dados não linguísticos que organizam esse ato enunciativo (COURTINE, 2009).

Em seguida, posicionamos o *corpus* como pertencente a duas formações discursivas que, dadas as condições de produção, se complementam: o discurso em defesa dos negros e o discurso de esquerda, denominadas dessa maneira por agrupar, como explica Maingueneau (2008a), enunciados inscritos na história. A inter-relação entre essas duas formações discursivas pode ser explicada pelo modo como uma formação discursiva não é fechada em si mesma, mas é “invadida” por outras formações discursivas (PÊCHEUX, 1997 [1983]). Nesse sentido, é possível perceber traços do discurso em defesa dos negros no discurso de esquerda e vice-versa.

Em relação ao interdiscurso e à memória, pudemos observar como outros discursos compõem o *corpus* analisado: discursos que o validam e cujos sentidos são resgatados por meio da memória, como os períodos escravocrata e ditatorial no Brasil.

Por meio deste trabalho, demonstramos, então, como funcionam alguns conceitos clássicos da AD. Ainda que os teóricos desse campo não discorram em

total consonância a respeito dessas noções, foi-nos possível observar por meio de uma breve análise como se dá na prática o funcionamento desses conceitos.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 6. ed. ampliada. São Paulo: Cortez, 2013.

_____. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

_____. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 2010. p.49-57.

_____. A análise do discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise . HAK, Tony. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 311-319.

_____. Análise automática do discurso (1969). In: GADET, Françoise; HAK, T Tony. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p.61-161.

_____. FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise. HAK, Tony. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 163-252.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 31 de agosto de 2016.

Aprovado em sistema duplo cego em: 04 de janeiro de 2017.